

# CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS

## DIRETÓRIO HOMILÉTICO

### INTRODUÇÃO

1. O presente *Diretório homilético* quer dar uma resposta ao pedido feito pelos participantes do Sínodo dos Bispos celebrado em 2008 sobre a Palavra de Deus. Acolhendo o pedido, o Papa Bento XVI pediu às autoridades competentes de preparar um Diretório sobre a homilia (cf. VD 60). Com relação a isto, ele fez sua preocupação expressa pelos Padres neste Sínodo de se dar maior atenção à preparação da homilia (cf. *Sacramentum caritatis* 46). Também o seu Sucessor, o Papa Francisco, considera a pregação uma das prioridades da vida da Igreja, como é evidente na sua primeira Exortação apostólica, *Evangelii gaudium*. Ao descrever a homilia, os Padres do Concílio Vaticano II sublinharam a natureza única da pregação no contexto da sagrada liturgia: “A pregação atinja antes de mais às fontes da sagrada Escritura e da liturgia, uma vez que ela é o anúncio das obras de Deus na história da salvação, ou seja, no mistério de Cristo, mistério que está no meio de nós sempre presente e atuante, sobretudo nas celebrações litúrgicas” (SC 35,2). Por muitos séculos a pregação foi frequentemente um ensinamento moral ou doutrinal pronunciado por ocasião da Missa festiva, mas não necessariamente integrada na mesma celebração. Ora, com o movimento litúrgico católico, iniciado no final do século XIX, tentou integrar a piedade pessoal e a espiritualidade litúrgica dos fiéis, assim se deram esforços voltados a aprofundar a ligação intrínseca entre a Escritura e o culto. Estes esforços, encorajados pelos Pontífices em toda a primeira metade do século XX, amadureceram os seus frutos na visão da liturgia da Igreja transmitidos pelo Concílio Vaticano II. A natureza e a função da homilia são compreendidas nesta perspectiva.

2. No curso dos últimos cinquenta anos muitas dimensões da homilia, como foi pensada pelo Concílio, foram exploradas seja pelo ensinamento do magistério da Igreja, seja pela experiência quotidiana dos que exercitam o ofício da pregação. A finalidade do presente Diretório é de apresentar o escopo da homilia como foi descrita nos documentos da Igreja, do Concílio Vaticano II até a Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, e oferecer um guia baseado sobre estas fontes a fim de ajudar os pregadores a cumprir correta e eficazmente a sua missão. Em Apêndice a Diretório são indicadas as referências aos documentos mais importantes a fim de mostrar como as intenções do Concílio estão em parte radicadas e aprofundadas no curso dos últimos cinquenta anos. Mas eles indicam também a necessidade de uma ulterior reflexão para se atingir o gênero de pregação desejado pelo Concílio. Ao introduzir o argumento podemos notar quatro temas de relevante importância, brevemente descritos nos documentos conciliares. O primeiro é naturalmente o lugar da Palavra de Deus na celebração litúrgica e o que isto significa para a função da homilia (cf. SC 24, 35, 52, 56). O segundo concerne os princípios de interpretação bíblica católica enunciados pelo Concílio, que encontram uma particular expressão na homilia litúrgica (cf. DV 9-13, 21). O terceiro aspecto se refere às consequências desta compreensão da Bíblia e da liturgia para o pregador mesmo, o qual deve modelá-la não apenas à sua abordagem ao preparar a homilia, mas também a sua inteira vida espiritual (cf. DV 25, *Presbyterorum ordinis* 4, 18). Por fim, o quarto aspecto se refere às necessidades daqueles a quem se dirige a pregação da Igreja, as suas culturas e situações de vida, também estas determinantes da forma da homilia, pois esta tem a função de converter a existência ao Evangelho de quem a escuta (cf. *Ad gentes* 6). Estas breves mas importantes diretrizes influenciaram a pregação católica nos decênios sucessivos ao Concílio; a sua compreensão encontrou expressão concreta na legislação da Igreja, e foram abundantemente

elaborados e desenvolvidos no ensinamento dos Pontífices, como provam claramente as citações do presente *Diretório* e também o elenco dos documentos relevantes indicados no Apêndice II.

3. O *Diretório homilético* procura assimilar as apreciações dos últimos cinquenta anos, revê-los criticamente, ajudar os pregadores a valorizar a função da homilia e oferecer-lhes um guia ao cumprir uma missão tão essencial para a vida da Igreja. O objeto é antes de tudo a homilia proferida na Eucaristia dominical, mas o que aqui é dito se aplica, analogamente, à pregação ordinária de cada celebração litúrgica e sacramental. As sugestões aqui apresentadas são, portanto, necessariamente gerais: estamos, de fato, em um campo muito variável do ministério, seja pelas diferenças culturais de uma assembleia a outra, seja pelos talentos e os limites de cada pregador. Cada pregador deseja melhorar a pregação e, por sua vez, as múltiplas exigências da cura pastoral, junto com o sentir de sua pessoal inadequação, podem levá-lo ao desencorajamento. É verdade que alguns, por capacidade e formação, são públicos oradores mais eficazes que outros. A consciência do próprio limite com relação a isto pode ser, todavia, superada recordando que Moisés sofria de uma dificuldade de linguagem (cf. Ex 4, 10), Jeremias se considerava muito jovem para pregar (cf. Jr 1, 6) e Paulo, per sua admissão, experimentava tremor e trepidação (cf. 1Cor 2,2-4). Para se tornar um pregador eficaz não é necessário ser um grande orador. Naturalmente, a arte oratória ou de falar em público, inclusive o uso apropriado da voz e até do gesto, contribui para a eficácia da homilia. Por ser uma matéria que vai além do escopo do presente *Diretório*, para quem profere a homilia, ela é um aspecto importante. O essencial é que o pregador ponha a palavra de Deus no centro da própria vida espiritual, conheça bem o seu povo, reflita sobre os acontecimentos do seu tempo, procure incessantemente desenvolver as capacidades que o ajudem a pregar de maneira apropriada e, sobretudo, que, consciente da própria pobreza espiritual, invoque na fé o Espírito Santo como o principal artífice ao tornar dócil aos divinos mistérios o coração dos fiéis. Assim o recorda o Papa Francisco: «*Renovemos a nossa confiança na pregação, que se funda sobre a convicção de que é Deus que deseja alcançar os outros através do pregador e que Ele mostra o seu poder pela palavra humana*» (EG 136).

## **PRIMEIRA PARTE A HOMILIA E O ÂMBITO LITÚRGICO**

### **I. A HOMILIA**

4. A específica natureza da homilia é bem abordada pelo evangelista Lucas na narração e da pregação de Cristo na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4, 16-30). Jesus, depois de ler um trecho do profeta Isaías, entregou o livro ao assistente, e disse: «*Hoje se cumpriu esta Escritura que vocês escutaram*» (Lc 4,21). Ao ler e meditar sobre este trecho, podemos perceber o entusiasmo que encheu aquela pequena sinagoga: a proclamação da Palavra de Deus na santa assembleia é um evento. Assim lemos na *Verbum Domini*: “... a liturgia é o âmbito privilegiado no qual Deus fala a nós no presente da nossa vida, fala hoje ao seu povo, que escuta e responde” (VD 52). É um âmbito privilegiado, mesmo que não o único. Certamente Deus nos fala de tantos modos: através dos acontecimentos da vida, do estudo pessoal da Escritura, dos momentos de oração silenciosa. A liturgia é, contudo, um âmbito privilegiado porque nela escutamos a Palavra de Deus como parte da celebração que culmina na oferta sacrificial de Cristo ao Pai. O Catecismo afirma que “a Eucaristia faz a Igreja” (*Catecismo da Igreja Católica* [CCC] 1396), mas também que a Eucaristia é inseparável da Palavra de Deus (cf. CCC 1346). Sendo parte integrante da liturgia, a homilia não é apenas uma instrução, mas é também um ato de culto. Lendo as homilias dos Padres (da Igreja) descobrimos que muitos

deles concluíam o discurso com uma doxologia e a palavra “Amém”: eles entenderam que o escopo da homilia não era apenas santificar o povo, mas glorificar a Deus. A homilia é um hino de gratidão pela magnitude de Deus: ela não apenas anuncia àqueles que estão reunidos que a palavra de Deus se cumpre na sua escuta, mas louva a Deus por tal cumprimento. Dada a sua natureza litúrgica, a homilia possui também um significado sacramental: Cristo está presente, seja na assembleia reunida para escutar a sua palavra, seja também na pregação do ministro, através do qual o Senhor mesmo, que falou uma vez na sinagoga de Nazaré, agora admoesta o seu povo. Assim se exprime a *Verbum Domini*: “*Assim é possível compreender o aspeto sacramental da Palavra através da analogia com a presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho consagrados. Aproximando-se do altar e participando no banquete eucarístico comungamos realmente o corpo e o sangue de Cristo. A proclamação da Palavra de Deus na celebração comporta reconhecer que é Cristo que Se faz presente e Se dirige a nós para ser acolhido*” (VD 56).

5. Como parte integrante do culto da Igreja, a homilia deve ser proferida apenas pelos bispos, sacerdotes ou diáconos. A íntima ligação entre a mesa da Palavra e a mesa do altar comporta que “*a homilia de costume seja proferida pessoalmente do sacerdote celebrante*” (*Introdução geral do Missal Romano* 66), ou por quem foi ordenado para presidir ou estar no altar. Válidos ensinamentos e eficazes exortações podem ser oferecidas também para guiar os leigos bem preparados, mas tais exposições devem tocar outros contextos; a natureza intrinsecamente litúrgica da homilia requer que ela seja proferida apenas quem foi ordenado para guiar o culto da Igreja (cf. *Redemptionis sacramentum* 161).

6. O Papa Francisco observa que a homilia «*é um gênero peculiar, já que se trata de uma pregação no quadro de uma celebração litúrgica; por conseguinte, deve ser breve e evitar que se pareça uma conferência ou uma lição*» (EG 138). A natureza litúrgica da homilia ilumina, portanto, a sua peculiar função. Ao tomar em consideração tal função, pode então ser útil explicar o que a homilia não é. A homilia não é um sermão sobre um tema abstrato; em outros termos, a Missa não é uma ocasião, para o pregador, de tratar temas completamente desligados da celebração litúrgica e das suas leituras, ou fazer violência aos textos previstos pela Igreja, contorcendo-os para adaptá-los a uma ideia preconcebida. A homilia não é também um puro exercício de exegese bíblica. O povo de Deus tem grande desejo de aprofundar as Escrituras e os pastores devem prever ocasiões e iniciativas que permitam aos fiéis aprofundar o conhecimento da Palavra de Deus. A homilia dominical, todavia, não é ocasião para se oferecer uma detalhada exegese bíblica: não é este o tempo de bem realizá-la, e ainda mais importante é o fato que o pregador é chamado a fazer ressoar o como a palavra de Deus está se cumprindo aqui e agora. A homilia não é um ensinamento catequético, mesmo se a catequese tem sua importância. Como para a exegese bíblica, não é este o tempo de oferecer catequese de modo apropriado; isto representaria uma variante da praxe de proferir durante a Missa um discurso não realmente integrado na mesma celebração litúrgica. Por fim, a homilia não deve ser empregada como tempo de testemunho pessoal do pregador. É indubitável que as pessoas podem ser profundamente tocadas pelas histórias pessoais, mas a homilia deve exprimir a fé da Igreja e não simplesmente a história pessoal do pregador. Como adverte o Papa Francisco, a pregação puramente moralista ou doutrinante, e também a que se transforma em uma lição de exegese, reduzem esta comunicação entre os corações que se dá na homilia e que deve ter um caráter quase sacramental, pois a fé vem do que se escuta (cf. EG 142).

7. Dizer que a homilia não é nenhuma destas coisas, não significa que na pregação não colocamos os temas fundamentais, a exegese bíblica, o ensinamento doutrinal e o testemunho pessoal; certamente numa boa homilia eles podem ser eficazes *elementos*. É muito apropriado que um pregador saiba ligar os textos de uma celebração aos fatos e às questões da atualidade,

partilhar os frutos do estudo para compreender um trecho da Escritura, e mostrar o nexo que se dá entre a Palavra de Deus e a doutrina da Igreja. Como o fogo, todos estes elementos são bons servos, mas maus patrões: são bons se úteis à função da homilia; se a substituem, não o são mais. O pregador deve pois falar de modo que quem o escuta possa advertir a sua fé no poder de Deus. É certo que o pregador não deve reduzir o nível da mensagem ao nível do próprio testemunho pessoal por medo de ser acusado de não praticar o que prega. Como não prega a si mesmo, mas a Cristo, pode, sem hipocrisia, indicar os vértices da santidade, aos quais, como todos, também ele se inspira na sua peregrinação de fé.

**8.** É importante evidenciar além disto que o pregador deveria inspirar-se às necessidades da comunidade particular e tomar de verdade inspiração em tais atenções. Fala-o eloquentemente o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*:

*“O Espírito, que inspirou os Evangelhos e que atua no Povo de Deus, inspira também como se deve escutar a fé do povo e como se deve pregar em cada Eucaristia. Portanto, a pregação cristã encontra, no coração da cultura do povo um manancial de água viva, tanto para saber o que se deve dizer, como para encontrar modo mais apropriado para o dizer. Assim como todos gostamos que nos falem na nossa língua materna, assim também, na fé, gostamos que nos falem em termos da “cultura materna”, em termos do idioma materno (cf. 2 Mac 7,21.27), e o coração se dispõe a ouvir melhor. Esta linguagem é uma tonalidade que transmite coragem, inspiração, força, impulso”* (EG 139).

**9.** Que coisa é então a homilia? Dois breves estratos das *Introduções (Praenotanda)* dos livros litúrgicos da Igreja começam a fornecer uma resposta. Antes de tudo, na *Instrução geral do Missal Romano* lemos: *“A homilia faz parte da liturgia e é vivamente recomendada: é, de fato, necessária para alimentar a vida cristã. Ela deve consistir na explicação de qualquer aspecto das leituras da Sagrada Escritura, ou de um outro texto do Ordinário ou do Próprio da Missa do dia, tendo em conta seja o mistério que é celebrado, seja as particulares necessidade de quem escuta”* (65).

**10.** A *Introdução ao Lecionário* amplia notavelmente esta breve descrição: *“A homilia, com a qual no curso do ano litúrgico são expostos, com base no texto sagrado, os mistérios da fé as normas da vida cristã, como parte da liturgia da Palavra é particularmente recomendada, (...) e antes, em alguns é expressamente prescrita. Proferida, por força da norma, por aquele que preside, na celebração da Missa, a homilia tem o escopo de fazer com que a proclamação da palavra de Deus se torne, juntos com a liturgia eucarística, “quase um anúncio das maravilhosas obras de Deus na história da salvação, ou seja, no mistério de Cristo”* (SC 35,2). *De fato, o mistério pascal de Cristo, que é anunciado nas leituras e na homilia, é atualizado por meio do Sacrifício da Missa. Sempre, pois, Cristo está presente e age na pregação da sua Igreja. Portanto, a homilia, seja ao se explicar a palavra da sagrada Escritura apenas proclamada, ou um outro texto litúrgico, deve guiar a comunidade dos fiéis a participar ativamente na Eucaristia, para que “exprimam na vida o que receberam mediante a fé”* (SC 10). *Com esta viva exposição da palavra de Deus que é proclamada, também as celebrações da Igreja desenvolvem, podem obter uma maior eficácia, de forma que a homilia seja de verdade fruto da meditação, bem preparada, não muito longa nem muito breve, e que nela se dê atenção a todos os presentes, inclusive as crianças e a gente simples”* (OLM 24).

**11.** É importante sublinhar alguns aspetos fundamentais oferecidos por estas duas descrições. Em sentido amplo, a homilia é um discurso sobre os mistérios da fé e sobre os cânones da vida cristã, desenvolvido de maneira conveniente às particulares exigências dos ouvintes. É uma descrição concisa dos muitos gêneros de pregação e exortação. A sua forma específica é sugerida pelas palavras *“em base ao texto sagrado”*, se refere aos trechos bíblicos e às orações

da celebração litúrgica. O que não deveria descuidar, pelo fato que as orações fornecem uma válida hermenêutica ao pregador para interpretar os textos bíblicos. O que distingue uma homilia de outras formas de ensinamento é o seu contexto litúrgico. Esta compreensão se torna crucial quando o quadro da homilia é a celebração eucarística: o quanto foi afirmado pelos documentos é essencial para uma correta visão da função da homilia. A Liturgia da Palavra e a Liturgia eucarística proclamam juntas a maravilhosa obra de Deus da nossa salvação em Cristo: «*o mistério pascal de Cristo, que é anunciado nas leituras e na homilia, é atualizado por meio do Sacrifício da Missa*». A homilia da Missa «*deve guiar a comunidade dos fiéis a participar ativamente da Eucaristia, para “exprimam na vida o que receberam mediante a fé” (SC 10)*» (OLM 24).

**12.** Esta descrição da homilia na Missa propõe uma simples mas atraente dinâmica. O primeiro movimento é sugerido pelas palavras: “*O mistério pascal de Cristo é anunciado nas leituras e na homilia*”. O pregador ilustra as leituras e a oração da celebração de modo que o seu significado seja esclarecido pela morte e ressurreição do Senhor. É extraordinário o quanto estão estreitamente associadas “*as leituras e a homilia*”, a ponto que uma má proclamação das leituras bíblicas prejudica a compreensão da homilia. Ambas pertencem à proclamação, a confirmação de como a homilia seja um ato litúrgico; na verdade, ela é um gênero de extensão da proclamação das mesmas leituras. Ao unir estas últimas com o mistério pascal, a reflexão poderia tocar, com resultados satisfatórios, ensinamentos doutrinários ou morais sugeridos pelos textos.

**13.** O segundo movimento é sugerido pelas palavras: “[*o mistério pascal*] *é atualizado por meio do Sacrifício da Missa*”. A segunda parte da homilia dispõe a comunidade à celebração eucarística e a reconhecer a verdadeira partilha do mistério da morte e ressurreição do Senhor. Virtualmente, se poderia discorrer em cada homilia a implícita necessidade de repetir as palavras do apóstolo Paulo: “*o cálice da bênção que nós abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? E o pão que nós partimos, não é comunhão como o corpo de Cristo?*” (1 Cor 10,16).

**14.** Um terceiro movimento, que pode ser breve e ter função conclusiva, sugere aos membros da comunidade, transformados pela Eucaristia, como podem levar o Evangelho ao mundo através da existência quotidiana. Naturalmente, serão as leituras bíblicas a inspirar os conteúdos e as orientações de tais aplicações, mas ao mesmo tempo devem ser indicados pelo pregador também os efeitos da mesma Eucaristia que se está celebrando e as suas consequências para a vida quotidiana, na beata esperança da comunhão inseparável com Deus.

**15.** Em síntese, a homilia é traçada por uma dinâmica muito simples: à luz do mistério pascal, reflete o seu significado das leituras e das orações de uma dada celebração, e conduz a assembleia à liturgia eucarística, na qual se participa do mesmo mistério pascal (exemplos deste tipo de abordagem homilético serão expostos na segunda parte do *Directório*). Isto significa claramente que o âmbito litúrgico é a chave imprescindível para interpretar os textos bíblicos proclamados em uma celebração. Tomaremos agora em consideração tal interpretação.

## II. A INTERPRETAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA

**16.** A reforma litúrgica pós-conciliar tornou possível a pregação na Missa a partir de uma mais rica seleção de textos bíblicos. Mas que coisa dizer sobre ela? Na prática, o pregador frequentemente responde a esta pergunta consultando os comentários bíblicos para dar um certo ‘*background*’ às leituras, e oferecer um gênero de geral aplicação moral. O que às vezes falta é a sensibilidade sobre a peculiar natureza da homilia como parte integrante da celebração

eucarística. Se a homilia é entendida como parte orgânica da Missa, então está claro que é pedido ao pregador considerar as várias leituras e as orações da celebração como cruciais para a interpretação da Palavra de Deus. Eis as palavras do Papa Bento XVI:

*«A reforma desejada pelo Concílio Vaticano II mostrou os seus frutos, tornando mais rico o acesso à Sagrada Escritura que é oferecida abundantemente, sobretudo nas liturgias de domingo. A estrutura atual do Lecionário, além de apresentar com frequência os textos mais importantes da Escritura, favorece a compreensão da unidade do plano divino, através da correlação entre as leituras do Antigo e do Novo Testamento, «centrada em Cristo e no seu mistério pascal» (VD 57).*

O Lecionário atual é o resultado do desejo expresso pelo Concílio “a fim de que a mesa da palavra de Deus seja preparada aos fiéis com maior abundância, sejam abertos mais largamente os tesouros da Bíblia de modo que, em um determinado número de anos, se leia ao povo a maior parte da Sagrada Escritura” (SC 51). Os Padres do Concílio Vaticano II, todavia, não transmitiram apenas este Lecionário: eles indicaram também os princípios para a exegese bíblica, com relação particular à homilia.

**17.** O *Catecismo da Igreja Católica* apresenta os três critérios interpretativos das Escrituras, enunciados pelo Concílio, nos seguintes termos:

a. Dar a devida atenção “ao conteúdo e à unidade da Escritura inteira”. De fato, por mais que sejam diferentes os livros que a compõem, a Escritura é única por força da unidade do desígnio de Deus, do qual Cristo Jesus é o centro e o coração, descerrado pela Paixão. “O coração de Cristo designa a Sagrada Escritura, que dá a conhecer o coração de Cristo. O coração estava fechado antes da Paixão, pois a Escritura era obscura. Mas a Escritura foi aberta depois da Paixão, pois os que a partir daí têm a compreensão dela considerem e discernem de que maneira as profecias devem ser interpretadas” (São Tomás de Aquino, *Expositio in Psalmos*, 21,11: CCC 112).

b. Ler a Escritura na «Tradição viva da Igreja inteira». Segundo um adágio dos Padres, a «Sagrada Escritura está escrita mais no coração da Igreja do que nos instrumentos materiais». De fato, a Igreja leva na sua Tradição a memória viva da Palavra de Deus e é o Espírito Santo que lhe doa a interpretação dela segundo o sentido espiritual (CCC 113).

c. Estar atentos à analogia da fé. Por «analogia da fé» entendemos a coesão das verdades da fé entre si e na totalidade do projeto da Revelação (CCC 114).

Se for verdade que estes critérios são úteis para a interpretação da Escritura em qualquer âmbito, eles o são particularmente quando se trata de preparar homilia para a Missa. Consideremo-nos singularmente em relação com a homilia.

**18.** O primeiro é o “conteúdo e à unidade da Escritura inteira”. O belíssimo trecho de São Tomás de Aquino citado pelo *Catecismo* evidencia a relação entre o mistério pascal e as Escrituras. O mistério pascal descerra o significado das Escrituras, “obscuro” antes de então (cf. Lc 24, 26-27). Vista sob luz, a tarefa do pregador é de ajudar os fiéis a ler as Escrituras à luz do mistério pascal, de modo que Cristo possa revelar a eles o próprio coração que, segundo São Tomás, coincide aqui com o conteúdo e o centro das Escrituras.

**19.** A unidade da Escritura inteira é incluída na estrutura mesma do Lecionário, no modo em que ela é distribuída no curso do ano litúrgico. No centro encontramos as Escrituras com a qual a Igreja proclama e celebra o Tríduo Pascal. Este é preparado pelo Lecionário quaresmal e ampliado do Lecionário do Tempo pascal. De forma similar, se dá no ciclo do Advento-Natal-Epifania. E ainda, a unidade da Escritura inteira é igualmente incluída na estrutura do Lecionário dominical e do Lecionário das solenidades e das festas. No coração está o trecho do Evangelho do dia; a leitura do Antigo Testamento é escolhida à luz do Evangelho, enquanto o Salmo responsorial é inspirado pela leitura que o precede. O trecho do Apóstolo, nas

celebrações dominicais, apresenta uma leitura semicontínua das Leituras e, então, não é usualmente, de modo explícito, em sintonia com as outras leituras. Todavia, em virtude da unidade da Escritura inteira, é frequentemente possível comparar ligações entre a segunda leitura e os trechos do Antigo Testamento e do Evangelho. Deduz-se que o Lecionário convida insistentemente o pregador a considerar as leituras bíblicas como mutuamente iluminadas ou, para usar ainda as palavras do *Catecismo* e da *Dei Verbum*, a ver o “conteúdo e à unidade da Escritura inteira”.

**20.** O segundo é “a Tradição viva de toda a Igreja”. Na *Verbum Domini*, o Papa Bento XVI pôs o acento sobre um critério fundamental de hermenêutica bíblica: “o lugar originário da interpretação escriturística é a vida da Igreja” (VD 29). A relação entre a Tradição e a Escritura é profunda e complexa, e de certo a liturgia representa uma manifestação importante e única desta relação. Existe uma unidade orgânica entre a Bíblia e a liturgia: ao longo dos séculos nos quais as sagradas Escrituras foram escritas e o cânon bíblico tomava forma, o povo de Deus se reunia regularmente para celebrar a liturgia. Melhor dizendo, os escritos foram em boa parte criados por tais assembleias (cf. Cl 4, 16). O pregador, então, deve levar conta as origens litúrgicas das Escrituras, e considerá-las a fim de tornar fluente um texto no novo contexto da comunidade para a qual ele prega. É aqui, de fato, no momento da proclamação, que o antigo texto se torna ainda vivo e sempre atual. A Escritura formada no contexto da liturgia é Tradição; a Escritura proclamada e explicada na celebração eucarística do mistério pascal é do mesmo modo Tradição. No curso dos séculos foi juntado um excepcional tesouro interpretativo desta celebração litúrgica e da proclamação na vida da Igreja. O mistério de Cristo é conhecido e valorizado sempre mais profundamente pela Igreja, e o conhecimento de Cristo por parte da Igreja é Tradição. Assim, o pregador é convidado a aproximar-se das leituras de uma celebração não com uma arbitrária seleção de textos, mas como uma oportunidade de refletir sobre o profundo significado destes trechos bíblicos com Tradição da Igreja inteira, de como a Tradição encontra expressões nas leituras escolhidas e harmonizadas, e também nos textos de oração da liturgia. Também estes últimos são monumentos da Tradição, e são organicamente conexos à Escritura, porque foram tomados diretamente da Palavra de Deus, ou porque foram nela inspirados.

**21.** O terceiro é “a analogia da fé”. Em sentido teológico isto se refere ao nexo entre as diversas doutrinas e a hierarquia das verdades da fé. O núcleo central da nossa fé é o mistério da Trindade e o convite dirigido a participar à vida divina. Tal realidade é revelada e realizada através do mistério pascal: conseqüentemente, o pregador deve interpretar as Escrituras de um modo que este mistério seja proclamado, guiar o povo a entrar neste mistério através da celebração da Eucaristia. Este tipo de interpretação foi parte essencial da pregação apostólica desde as alcores da Igreja, como lemos na *Verbum Domini*:

“Chegados por assim dizer ao coração da «Cristologia da Palavra», é importante sublinhar a unidade do desígnio divino no Verbo encarnado: é por isso que o Novo Testamento nos apresenta o Mistério Pascal de acordo com as Sagradas Escrituras, como a sua íntima realização. São Paulo, na Primeira Carta aos Coríntios, afirma que Jesus Cristo morreu pelos nossos pecados, «segundo as Escrituras» (15,3) e que ressuscitou no terceiro dia «segundo as Escrituras» (15,4). Deste modo o Apóstolo põe o acontecimento da morte e ressurreição do Senhor em relação com a história da Antiga Aliança de Deus com o seu povo. Mais ainda, faz-nos compreender que esta história recebe de tal acontecimento a sua lógica e o seu verdadeiro significado. No Mistério Pascal, realizam-se «as palavras da Escritura, isto é, esta morte realizada “segundo as Escrituras” é um acontecimento que contém em si mesmo um logos, uma lógica: a morte de Cristo testemunha que a Palavra de Deus Se fez totalmente “carne”, “história” humana». Também a ressurreição de Jesus acontece «ao terceiro dia, segundo as Escrituras»: dado que a corrupção, segundo a interpretação judaica, começava depois do

*terceiro dia, a palavra da Escritura cumpre-se em Jesus, que ressuscita antes de começar a corrupção. Deste modo São Paulo, transmitindo fielmente o ensinamento dos Apóstolos (cf. I Cor 15, 3), sublinha que a vitória de Cristo sobre a morte se verifica através da força criadora da Palavra de Deus. A força divina proporciona esperança e alegria: tal é, em definitivo, o conteúdo libertador da revelação pascal. Na Páscoa, Deus revela-Se a Si mesmo juntamente com a força do Amor trinitário que aniquila as forças destruidoras do mal e da morte” (VD 13).*

É esta unidade do desígnio divino que o pregador ofereça uma catequese doutrinal e moral durante a homilia. Do ponto de vista doutrinal, a natureza divina e humana de Cristo unidas em uma só pessoa, a divindade do Espírito Santo, a capacidade ontológica do Espírito e do Filho de unir-nos ao Pai ao partilhar a vida da Santa Trindade, a natureza divina da Igreja na qual estas realidades são conhecidas e partilhadas: estas e outras verdades doutrinárias foram formuladas com o senso profundo do que as Escrituras proclamam e os Sacramentos realizam. Na homilia, estes dados doutrinários não são apresentados como parte de um douto tratado ou de uma explicação escolástica, onde os mistérios podem ser explorados e dissecados em profundidade. Tais dados doutrinários guiam então o pregador e lhe garantem de atingir, ao pregar, o significado mais profundo da Escritura e do sacramento.

**22.** O mistério pascal, eficazmente experimentado na celebração sacramental, ilumina não apenas as Escrituras proclamadas, mas transforma também a vida de quantos as escutam. Assim, uma outra função da homilia é ajudar o povo de Deus a ver como o mistério pascal não apenas informe o que cremos, mas nos torne também capazes de agir à luz das realidades que cremos. O *Catecismo*, com as palavras de São João Eudes, indica a identificação com Cristo como condição fundamental da vida cristã:

*«Peço que considereis que Jesus Cristo nosso Senhor é vossa verdadeira Cabeça e que vós sois um de seus membros. Ele é para vós o que a Cabeça é para os membros; tudo o que é dele é vosso, seu Espírito, seu coração, seu corpo, sua alma e todas as suas faculdades, e deveis fazer uso disso como coisa vossa para servir, louvar, amar e glorificar a Deus. Vós sois em relação a Ele o que os membros são em relação a Cabeça. Assim, Ele deseja ardentemente fazer uso de tudo o que está em vós para o serviço e a glória de seu Pai, como coisa sua» (Tractatus de admirabili Corde Iesu; cf. Liturgia das Horas, IV, Ofício das leituras de 19 de Agosto, citado in CCC 1698).*

**23.** O *Catecismo da Igreja Católica* é um inestimável recurso para o pregador, para que utilize os três critérios interpretativos. Oferece um valioso exemplo de “unidade da Escritura inteira”, da “Tradição viva de toda a Igreja” e da “analogia da fé”. O que torna particularmente claro quando nos damos conta da relação dinâmica entre as quatro partes que compõem o *Catecismo*, correspondem ao que cremos (I), como celebramos o culto (II), como vivemos (III) e como rezamos (IV). Trata-se de quatro âmbitos correlacionados de uma única sinfonia. São João Paulo II assinalou esta orgânica relação na Constituição apostólica *Fidei depositum*:

*“A Liturgia é ela própria oração; a confissão da fé encontra seu justo lugar na celebração do culto. A graça, fruto dos sacramentos, é a condição insubstituível do agir cristão, tal como a participação na Liturgia da Igreja requer a fé. Se a fé não se desenvolve nas obras, está morta (cf Tg 2, 14-16) e não pode dar frutos de vida eterna. Lendo o «Catecismo da Igreja Católica», pode-se captar a maravilhosa unidade do mistério de Deus, do seu desígnio de salvação, bem como a centralidade de Jesus Cristo, o Unigênito Filho de Deus, enviado pelo Pai, feito homem no seio da Santíssima Virgem Maria por obra do Espírito Santo, para ser nosso Salvador. Morto e ressuscitado, Ele está sempre presente na sua Igreja, particularmente nos sacramentos; Ele é a fonte da fé, o modelo do agir cristão e o Mestre de nossa oração”.*

As referências marginais que se ligam entre as quatro partes do *Catecismo* são de auxílio ao pregador que, dando atenção à analogia da fé, procura interpretar a Palavra de Deus na

Tradição viva da Igreja e à luz da unidade de toda a Escritura. Analogamente, o Índice das referências do *Catecismo* mostra o quanto transbordam da palavra bíblica o inteiro ensinamento da Igreja. Poderia ser corretamente utilizado pelos pregadores para evidenciar como certos textos bíblicos, empregados nas homilias, são usados em outros contextos para explicar os ensinamentos dogmáticos e morais. O Apêndice I deste *Directorio* oferece ao pregador uma contribuição para a utilização do *Catecismo*.

24. De tudo o que se disse até aqui deveria estar claro que enquanto os métodos exegéticos podem revelar-se úteis à preparação da homilia, é necessário que o pregador dê atenção ao sentido espiritual da Escritura. A definição de tal sentido, fornecida pela Pontifícia Comissão Bíblica, sugere que este método interpretativo é particularmente adaptado à liturgia: «[O sentido espiritual é] o sentido expresso pelos textos bíblicos quando são lidos sob o influxo do Espírito Santo no contexto do mistério pascal de Cristo e da vida nova que dele resulta. Este contexto existe efetivamente. O Novo Testamento reconhece nele o cumprimento das Escrituras. É por isso normal reler as Escrituras à luz deste novo contexto, o da vida no Espírito» (Pontifícia Comissão Bíblica, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, II,B,2 citato in VD 37). A leitura neste modo das Escrituras faz parte do viver católico. Um bom exemplo vem dos Salmos que rezamos na *Liturgia das Horas*: por mais que sejam diferentes as circunstâncias literais de onde floresce cada Salmo, nós o compreendemos em referência ao mistério de Cristo e da Igreja, e também como expressão das alegrias, das dores e dos lamentos que caracterizam o nosso relacionamento pessoal com Deus.

25. Os grandes mestres da interpretação espiritual da Escritura são os Padres da Igreja, na maioria pastores, cujos escritos frequentemente contém explicações da Palavra de Deus dadas ao povo no curso da liturgia. É providencial que, unido aos progressos realizados pela pesquisa bíblica no século passado, houve também um correspondente passo avante nos estudos patrísticos. Documentos que se acreditava perdidos foram recuperados, foram realizadas edições críticas dos Padres, e agora estão disponíveis as traduções das grandes obras de exegese patrística e medieval. A revisão do “Ofício das Leituras” da *Liturgia das Horas* disponibilizou aos sacerdotes e aos fiéis muitos destes escritos. A familiaridade com os escritos dos Padres pode ajudar grandemente o pregador a descobrir o significado espiritual da Escritura. É da pregação dos Padres que nós hoje aprendemos quão profunda é a unidade entre o Antigo e o Novo Testamento. Deles podemos aprender a discernir inúmeras figuras e modelos do mistério pascal que estão presentes no mundo desde o início da criação, e se revelam ulteriormente através de toda a história de Israel que culmina em Jesus Cristo. É dos Padres que aprendemos como virtualmente cada palavra das Escrituras inspiradas pode desvelar inesperadas e impenetráveis riquezas, se considerada no coração da vida e da oração da Igreja. É dos Padres que aprendemos quanto o mistério da Palavra bíblica está intimamente conexo com o da celebração sacramental. A *Catena Aurea* de São Tomás de Aquino é um esplêndido instrumento para aceder à riqueza dos Padres. O Concílio Vaticano II reconheceu com clareza que tais escritos representam um rico recurso para o pregador:

“No sagrado rito de ordenação, o bispo recorda aos presbíteros que devem ser «maduros na ciência» e que a sua doutrina deverá ser como «uma espiritual medicina para o povo de Deus». Ora, é necessário que a ciência do ministro sagrado seja também ela sagrada, enquanto derivada de uma fonte sagrada e dirigida a um fim também sagrado. Ela é, portanto, alcançada, em primeiro lugar, pela leitura e pela meditação da sagrada Escritura (149) mas o seu frutuoso alimento é também o estudo dos santos Padres e doutores, e de outros documentos da tradição” (*Presbyterorum ordinis* 19).

O Concílio nos transmitiu uma renovada compreensão da homilia como parte integrante da celebração litúrgica, método frutuoso para a interpretação bíblica e estímulo para que os

pregadores se familiarizem com as riquezas de dois mil anos de reflexão sobre a Palavra de Deus, que são o patrimônio católico. Como pode um pregador traduzir na prática esta visão?

### III. A PREPARAÇÃO

**26.** «A preparação da pregação é uma tarefa assim importante que convém dedicar um tempo prolongado de estudo, oração, reflexão e criatividade pastoral» (EG 145). O Papa Francisco evidencia esta orientação com palavras muito fortes: um pregador que não se prepara, que não reza, «é desonesto e irresponsável» (EG 145), «um falso profeta, um embusteiro ou um charlatão vazio» (EG 151). Claramente, na preparação das homilias o estudo tem um inestimável valor, mas a oração é essencial. A homilia se desenvolve em um contexto de oração, e deve ser preparada em um contexto de oração. “Aquele que preside a liturgia da Palavra torna participantes os fiéis, especialmente na homilia, do alimento espiritual que ela requer” (cf. OLM 38). A ação sagrada da pregação está intimamente unida à sagrada natureza da Palavra de Deus. A homilia, em um certo sentido, pode ser considerada, paralelamente, com a distribuição do Corpo e Sangue de Cristo aos fiéis no rito de comunhão. A santa Palavra de Deus é “distribuída”, na homilia, como alimento do seu povo. A Constituição Dogmática sobre a divina Revelação, com as palavras de santo Agostinho, põe em relevo que se evite tornar “um vão pregador da palavra de Deus externamente aquele que não a escuta dentro de si”. E mais adiante, no mesmo parágrafo, todos os fiéis são exortados a ler a Escritura em atitude de devoto diálogo com Deus para que, segundo santo Ambrósio, “quando rezamos, a Ele falamos; a Ele ouvimos quando lemos os divinos oráculos” (DV 25). O Papa Francesco adverte que os mesmos pregadores devem ser os primeiros a ser tocados pela viva e eficaz Palavra de Deus, a fim de que esta penetre os corações dos seus ouvintes (cf. EG 150).

**27.** O Santo Padre recomenda aos pregadores de instaurar um profundo diálogo com a Palavra de Deus recorrendo à *lectio divina*, que é feita de leitura, meditação, oração e contemplação (cf. EG 152). Esta quadrupla abordagem se radica na exegese patrística dos significados espirituais da Escritura e foi desenvolvida, nos séculos sucessivos, pelos monges e monjas que, em oração, refletiram sobre as Escrituras por toda a vida. O Papa Bento XVI descreve os passos da *lectio divina* na Exortação apostólica *Verbum Domini*: “começa com a leitura (*lectio*) do texto, que suscita a interrogação sobre um autêntico conhecimento do seu conteúdo: o que diz o texto bíblico em si? Sem este momento, corre-se o risco que o texto se torne somente um pretexto para nunca ultrapassar os nossos pensamentos. Segue-se depois a meditação (*meditatio*), durante a qual nos perguntamos: que nos diz o texto bíblico? Aqui cada um, pessoalmente, mas também como realidade comunitária, deve deixar-se sensibilizar e pôr em questão, porque não se trata de considerar palavras pronunciadas no passado, mas no presente. Sucessivamente chega-se ao momento da oração (*oratio*), que supõe a pergunta: que dizemos ao Senhor, em resposta à sua Palavra? A oração enquanto pedido, intercessão, ação de graças e louvor é o primeiro modo como a Palavra nos transforma. Finalmente, a *lectio divina* conclui-se com a contemplação (*contemplatio*), durante a qual assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar, ao julgar a realidade, e interrogamo-nos: qual é a conversão da mente, do coração e da vida que o Senhor nos pede? São Paulo, na Carta aos Romanos, afirma: «Não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, a fim de conhecerdes a vontade de Deus: o que é bom, o que Lhe é agradável e o que é perfeito» (12, 2). De fato, a contemplação tende a criar em nós uma visão sapiencial da realidade segundo Deus e a formar em nós «o pensamento de Cristo» (1Cor 2, 16). Aqui a Palavra de Deus aparece como critério de discernimento: ela é «viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e o corpo, as juntas e as medulas e discerne os pensamentos e intenções do coração» (Hb 4, 12). Há que recordar ainda que a

*lectio divina não esteja concluída, na sua dinâmica, enquanto não chegar à ação (actio), que impele a existência do fiel a doar-se aos outros na caridade”* (cf. VD 87).

**28.** Este é um método frutuoso e válido para todos para orar com as Escrituras, que se recomenda ao pregador como modo de meditar sobre as leituras bíblicas e sobre os textos litúrgicos, em espírito de oração, ao se preparar a homilia. A dinâmica da *lectio divina* oferece, além disso, um eficaz parâmetro para se tomar a função da homilia na liturgia e como ela incida no processo da sua preparação.

**29.** O primeiro passo é a *lectio*, que explora o que o texto bíblico diz por si. Esta leitura orante deveria ser assinalada por uma atitude de humilde e deslumbrada veneração da Palavra, que se exprime ao demorar-se a estudá-la com a máxima atenção e com um santo temor de a manipular (cf. EG 146). Para preparar-se para este primeiro passo, o pregador deveria consultar comentários, dicionários e outros estudos que possam ajudá-lo a compreender o significado dos trechos bíblicos no seu contexto originário. Mas depois deve também observar atentamente o implícito (*incipit*) e o explícito (*explicit*) dos trechos em questão, a fim de tomar o motivo pelo qual o Lecionário decidiu fazê-lo iniciar e terminar deste modo. O Papa Bento XVI ensina que a exegese histórico-crítica é uma parte imprescindível da compreensão católica da Escritura, porque está ligada ao realismo da Encarnação. Ele recorda que “*o fato histórico é uma dimensão constitutiva da fé cristã. A história da salvação não é uma mitologia, mas uma verdadeira história e, por isso, da estudar com os métodos de uma investigação histórica séria ...*” (VD 32). Sobre este primeiro passo não se deveria sobrevoar muito apressadamente. A nossa salvação se cumpre por meio da ação de Deus na história, e o texto bíblico o narra através de palavras que revelam o sentido mais profundo (cf. DV 3). Portanto, temos necessidade do testemunho dos eventos, e ao pregador ocorre um forte sentido de sua realidade. “*A Palavra se fez carne*” ou, se poderia também dizer, “*A Palavra se fez história*”. A prática da *lectio* começa tendo em conta este fato decisivo.

**30.** Existem estudiosos da Bíblia que escreveram seja comentários bíblicos, seja reflexões sobre as leituras do Lecionário, aplicando aos textos proclamados na Missa os instrumentos da moderna pesquisa acadêmica; para o pregador podem ser de grande ajuda tais publicações. Ao iniciar a *lectio divina*, ele pode retomar os pontos amadurecidos com o seu estudo e refletir, na oração, sobre o significado do texto bíblico. Deve, contudo, ter presente que o seu objetivo não é compreender cada mínimo detalhe de um texto, mas colher qual é a mensagem principal, que confere estrutura e unidade ao texto (cf. EG 147).

**31.** Como o objetivo de tal *lectio* é preparar a homilia, o pregador deve ter cuidado de apresentar os resultados do seu estudo em uma linguagem que possa ser compreendida pelos seus ouvintes. Referindo-se ao ensinamento de Paulo VI, segundo o qual os fiéis terão grande benefício de uma pregação «*simples, clara, direta, adaptada*» (Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* 43), o Papa Francisco chama a atenção dos pregadores do uso de uma linguagem teológica especializada que não é familiar aos ouvintes (cf. EG 158). Oferece também algumas sugestões muito práticas: um dos esforços mais necessários é aprender a usar as imagens na pregação, ou seja, falar com imagens. Às vezes se utilizam exemplos para tornar mais compreensível o que se quer explicar, porém os exemplos frequentemente se referem somente ao raciocínio; as imagens, ao invés, ajudam a apreciar e aceitar a mensagem que se quer transmitir. Unir as imagens atraentes faz com que a mensagem seja sentida como algo familiar, vizinha, possível, ligada à própria vida. Uma boa imagem pode levar a se saborear a mensagem que se quer transmitir, desperta um desejo, e motiva a vontade na direção do Evangelho (EG 157).

32. O segundo passo, a *meditatio*, explora o que o texto bíblico diz. O Papa Francisco propõe uma simples mas penetrante questão que pode conduzir a nossa reflexão: «“*Senhor, o que me diz este texto? Com esta mensagem, que quereis mudar na minha vida? Que é que me dá fastio neste texto? Por que é que isto não me interessa?*”, ou então: “*De que eu gosto? Em que me estimula esta Palavra? O que me atrai? E por que me atrai?*”» (EG 153). Como ensina, todavia, a tradição da *lectio* isto não significa que, com a nossa pessoal reflexão, nos nós tornemos os árbitros finais do que o texto diz. Ao evidenciar “o que o texto bíblico nos diz” somos guiados pela Regra de fé da Igreja, a qual prevê um princípio importante da interpretação bíblica que ajuda a evitar interpretações erradas ou parciais (cf. EG 148). Para tanto, o pregador reflete sobre as leituras à luz do mistério pascal da morte e ressurreição de Cristo e estende a meditação como este mistério age no Corpo de Cristo, que é a Igreja, compreendidas as situações dos membros deste Corpo que se reúnem no Domingo. Este é o coração da preparação homilética. É aqui que a familiaridade com os escritos dos Padres da Igreja e dos Santos pode inspirar o pregador ao oferecer ao povo uma compreensão das leituras da Missa que possa nutrir verdadeiramente a vida espiritual. É ainda nesta fase de preparação que ele pode desenvolver as implicações morais e doutrinárias da Palavra de Deus, para as quais, como se recordou, o *Catecismo da Igreja Católica* é um recurso utilíssimo.

33. De *pari passo* com a leitura das Escrituras no contexto da inteira Tradição da fé católica, o pregador deve refletir sobre ter como referência à luz do contexto da comunidade que se reúne para escutar a Palavra de Deus. Como disse o Papa Francisco, «*o pregador deve também pôr-se à do povo, para descobrir o que os fiéis precisam ouvir. Um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo*» (EG 154). Esta é a razão pela qual é útil começar a preparar a homilia dominical alguns dias antes. Unido ao estudo e à oração, e a atenção ao que acontece na paróquia como na sociedade em sentido amplo, sugerirá percursos de reflexão sobre o quanto a Palavra de Deus tem a dizer a tais comunidades no momento presente. Fruto desta meditação será o discernimento atualizado, à luz da morte e ressurreição de Cristo, em vista da vida da comunidade e do mundo. Assim, o conteúdo da homilia tomará claramente forma.

34. O terceiro passo da *lectio divina* é a *oratio*, que se volta ao Senhor em resposta à sua palavra. Na experiência individual da *lectio* este é o momento para o diálogo espontâneo com Deus. As reações às leituras são expressas em termos de temor e de maravilha, há quem seja movido a pedir misericórdia e ajuda, como se pode ser a simples explosão do louvor, manifestações de amor e de gratidão. Esta passagem da meditação à oração, se considerada em âmbito litúrgico, evidencia a ligação estrutural entre as leituras bíblicas e o restante da Missa. As preces na conclusão da liturgia da Palavra e, mais profundamente, a liturgia eucarística que se segue, representam a nossa resposta à Palavra de Deus em forma de súplica, invocação, agradecimento e louvor. O pregador deveria tomar a ocasião para por o acento sobre esta íntima relação, a fim de que o povo de Deus obtenha a uma experiência mais profunda da dinâmica interna da liturgia. Esta conexão pode ser explicitada também de outros modos. O papel do pregador não se limita à homilia em si mesma: as invocações do rito penitencial (quando se adota a terceira forma do *Missal Romano*) e as intercessões na Oração universal (Oração dos fiéis), podem fazer referência às leituras bíblicas ou a um aspecto da homilia. As antífonas de ingresso e à comunhão, indicadas no *Missal Romano* para cada celebração, costumemente retomam os textos bíblicos ou são claramente neles inspirados, dando assim voz à nossa oração com as mesmas palavras da Escritura. Caso não se adotem estas antífonas, os cantos são escolhidos com atenção, e o sacerdote deve guiar os que estão envolvidos na tarefa de animar o canto. Há um outro modo com o qual o sacerdote pode evidenciar a unidade da celebração litúrgica: através do uso atento das oportunidades oferecidas pela *Introdução geral do Missal Romano* para as breves monições em alguns momentos da liturgia, depois da saudação inicial, antes da liturgia da Palavra, antes da Oração eucarística, e antes do “abraço da

paz” (cf. IGMR 31). Com relação a estas moções, deveria ter sempre grande cuidado e vigilância. Deve haver apenas uma homilia na Missa. Caso o sacerdote decida dizer alguma palavra em um destes momentos, deveria preparar antecipadamente uma ou duas frases concisas que ajudem os presentes a entender a unidade da celebração litúrgica, sem entrar em prolongadas explicações.

**35.** O passo final da *lectio* é a *contemplatio*, durante a qual, segundo as palavras do Papa Bento XVI, “assumimos como dom de Deus o seu próprio olhar, ao julgar a realidade, e interrogamo-nos: *qual é a conversão da mente, do coração e da vida que o Senhor nos pede?*” (VD 87). Na tradição monástica este quarto grau, ou seja, a contemplação, era visto como o dom da união com Deus: imerecido, maior que os de nossos esforços não podem obter, um puro dom. O processo principia a partir de um texto, per se conseguir, além das particularidades, a uma visão de fé do todo, colhido, em um olhar intuitivo e unitário. Os Santos nos revelam tais altezas, mas o que dado aos Santos pode ser de nós todos. Considerado em âmbito litúrgico, o quarto passo, a contemplação, pode ser motivo de consolação e de esperança para o pregador, para que remeta ao fato que, definitivamente, é Deus que age para realizar a sua Palavra e que o processo de formação em nós da mentalidade de Cristo se cumpre no arco de toda a vida. O pregador é chamado a fazer todo esforço para pregar a Palavra de Deus de modo eficaz, sabendo porém que no final acontece como disse São Paulo: “*Eu plantei, Apolo regou, mas era Deus que fazia crescer*” (1Cor 3,6). O pregador deveria além de invocar o Espírito Santo a fim de que o ilumine ao preparar a homilia, mas também rezar frequentemente e com insistência para que a semente da Palavra de Deus caia sobre o terreno bom para sanificá-lo e quantos o escutam, segundo a modalidade que supera o que ele está em grau de dizer e até de imaginar.

**36.** O Papa Bento XVI acrescentou um apêndice aos tradicionais quatro passos da *lectio divina*: “*Há que recordar ainda que a lectio divina não está concluída, na sua dinâmica, enquanto não chegar à ação (actio), que impele a existência do fiel a doar-se aos outros na caridade*” (VD 87). O que, no contexto litúrgico, evoca o “*ite missa est*”, ou seja, a missão do povo de Deus admoestado pela Palavra e nutrido pela participação no mistério pascal graças à Eucaristia. É significativo que a Exortação *Verbum Domini* se conclua com uma longa consideração sobre a Palavra de Deus no mundo; a pregação, combinada com o alimento espiritual dos sacramentos recebidos com fé, abre os membros da assembleia litúrgica a concretas expressões de caridade. Citando o ensinamento do Papa João Paulo II, segundo o qual «*a comunhão e a missão estão profundamente unidas*» (Exortação apostólica *Christifides laici* 32), o Papa Francisco exorta a todos os fiéis:

“*Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia a anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não pode excluir ninguém*” (EG 23).

Cidade do Vaticano, 24 de Junho de 2014

António Card. Cañizares Llovera, Prefecto  
Arthur Roche, Arzobispo Secretario  
(Tradução de Padre Ari Ribeiro)